



ESTRATÉGIA DISCURSIVA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE JUÍNA-MT: REFLEXÕES INSTAURADAS A PARTIR DO PIBID/AJES

Leidiani da Silva Reis-1, Jéssica Paola Bastiani Clemêncio-2,

Rosilda Aparecida do Nascimento Guimarães-3

Lidiamara Castilhos Pimentel-4, Alessandra de Souza Miranda-5

Eloana Paola da Silva-6, Valeria Mineiro de Souza-7

Mayra Lino Figueiredo-8, Edicleuma Gomes Lopes-9

Claudionice Mendes Dias-10, Ivete da Silva-11

- 1-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena-AJES
- 2-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena-AJES
- 3-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena-AJES
- 4-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena-AJES
- 5-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena-AJES
- 6-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena-AJES
- 7-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena-AJES
- 8-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena-AJES
- 9-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena-AJES
- 10-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena-AJES
- 11-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena-AJES

Sabemos que a interpretação e a produção de texto figuram entre as grandes dificuldades enfrentadas pelos alunos do Ensino Médio. Por mais que muitos estudiosos se dediquem à abordagem de tais questões, há necessidade de constante reflexão nesse sentido, buscando alcançar avanços e melhorias, pois, conforme destaca Marcuschi (1996, p. 64), a interpretação “não é uma habilidade inata, transmitida geneticamente pela espécie humana”, o que exige treino e habilidade constante. Diante disso, o trabalho realizado, ainda que inicialmente, pelos graduandos em Letras do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena do município de Juína-Mt, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, busca refletir sobre a interpretação e produção textual de alunos do 1º ano do Ensino médio de uma escola pública do município citado.

Nessa perspectiva, focamos elementos linguísticos que auxiliam na construção dos sentidos do texto, atuando na tessitura deste por meio do processo de referenciação. Mais do que estabelecer simples retomadas de elementos linguísticos, a referenciação é responsável por categorizar e recategorizar objetos de discurso, materializando atitudes tomadas pelo produtor para a construção de determinado(s) sentido(s) e imprimindo pistas

linguísticas que guiam o leitor na interpretação do texto. Nessa perspectiva, abordamos a referenciação a partir da concepção sociocognitiva-interacional, que toma tal processo como uma atividade discursiva (KOCH, 2005).

Levando em consideração que a pesquisa aqui proposta não permite trabalhar com todos os possíveis elementos referenciais, optamos por focalizar as retomadas não correferenciais – sem a manutenção do núcleo –, tendo em vista que elas são concebidas como uma forma de manifestação do produtor do texto (KOCH, 2005). Isso porque utilizar uma anáfora não correferencial para recategorizar um referente implica sempre uma escolha lexical em detrimento de tantas outras possibilidades existentes na língua, e essa escolha pode revelar opiniões, intenções e atitudes do produtor do texto.

Assim sendo, a hipótese principal deste trabalho é a de que a anáfora não correferencial é uma estratégia linguística que pode auxiliar o aluno na interpretação textual, uma vez que é responsável por imprimir sentidos aos enunciados na medida em que revela intenções, valores e posições que o produtor do texto quer expressar.

A par dessa hipótese central, leva-se em conta o

fato, de conhecimento público, de que alunos, via de regra, saem das séries finais do Ensino Fundamental sem pelo menos conseguir decodificar textos. Essa situação fez com que optássemos por coletar dados para verificar a pertinência das anáforas não correferenciais em respostas interpretativas produzidas por alunos do 1º ano do Ensino Médio, tendo em vista que estes em breve ingressarão em uma Faculdade. Assim, buscamos refletir sobre o assunto em tela e propor estratégia que contribua para sanar dificuldades relativas à interpretação de texto. Acreditamos que, se trabalhada desde cedo, a abordagem proposta pode contribuir para chegarmos a melhores resultados no que tange à interpretação textual dos estudantes, diretamente relacionados às habilidades de leitura e produção textual.

Para instigar a produção dos dados coletados, recorreremos à fábula, tendo em conta o fato de se tratar de um gênero já conhecido pelos alunos do 1º ano. Apesar de aparentemente simples, as fábulas são conduzidas por estratégias linguísticas responsáveis por dotar animais ou objetos de características humanas com o intuito de passar uma conduta de vida, o que resulta em textos altamente argumentativos (COELHO, 1984).

Adotando como corpus respostas interpretativas dos alunos relacionadas a perguntas sobre as fábulas A Raposa e as Uvas e O Lobo e o Cordeiro, verificamos a interpretação que os alunos realizaram a respeito da primeira fábula, dada antes da apresentação da estratégia proposta, e, posteriormente, a respeito do segundo texto, apresentado depois do estudo das anáforas não correferenciais. Desse modo, portanto, o trabalho que empreendemos apresenta-se como uma pesquisa qualitativa, tendo em vista a descrição, compreensão e interpretação dos dados alcançados por meio da investigação sugerida.

A hipótese aventada, acima descrita, pauta-se na ideia de que os discursos são produzidos de modo a atingir as intenções daqueles que os produzem. Para tanto, os sujeitos mobilizam tanto os gêneros quanto os mecanismos textuais (KOCH; MARCUSCHI, 1998) que melhor respondem a seus objetivos. Nessa perspectiva de análise, entende-se que “o texto reserva espaço para uma infinidade de realizações relacionadas com o momento da enunciação, em que a língua pode ser compreendida como atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (KOCH, 2002, p. 17).

Assim, ancora este trabalho a concepção sociointeracionista de linguagem, esta entendida como lugar de interação entre sujeitos sociais. Nessa per-

spectiva, a linguagem apresenta-se como atividade imanentemente social, já que todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas (BAKHTIN, 2002). A compreensão da linguagem como produto dos processos sociais corresponde ao entendimento de que ela origina-se no campo de atuação do homem e é consequência da sua ação e intervenção sobre a realidade.

Seguindo essa linha de análise, tomamos como objetivo central deste trabalho, conforme já explicitado, verificar o papel das anáforas não correferenciais no processo interpretativo. Quanto aos objetivos específicos, destacamos: 1. estudar o processo interpretativo e algumas de suas estratégias; 2. desenvolver reflexão acerca dos elementos referenciais, mais especificamente sobre as anáforas não correferenciais; 3. avaliar, com base nos dados coletados, se as ocorrências das anáforas não correferenciais utilizadas pelo autor do texto auxiliam na interpretação deste.

Constatamos que as anáforas não correferenciais auxiliaram os alunos na interpretação e produção textual. Essa leitura resulta da seguinte observação: depois de conhecerem o mecanismo linguístico proposto, quando da resposta às questões sobre as fábulas, os estudantes realizaram estratégias de reconstrução do referente, demonstrando compreensão do texto e apontando seu olhar para o referente em foco. É necessário ressaltar que a compreensão dos textos dependeu também de outros fatores, como, por exemplo, do conhecimento de mundo, cultural e enciclopédico dos estudantes.

Entendemos que esta pesquisa contribuirá para os estudos referentes à linguagem, principalmente no tocante ao ensino da Língua Portuguesa, uma vez que o tema abordado – interpretação e produção textual – requer constatação de reflexão, levando em consideração sua função tanto na vida escolar do aluno quanto nas suas práticas letradas que se dão fora do limite da escola. Nessa direção, entendemos que, se o aluno tiver conhecimento da estratégia proposta, poderá perceber as intenções do produtor de um discurso, podendo, assim, acatá-las ou refutá-las. Além disso, consciente da estratégia linguística explorada, o aluno também terá maiores condições de construir discursos de acordo com seus objetivos, suas crenças e pontos de vista.

Neste sentido, por tratar de um tema relevante para professores de Língua Portuguesa, para alunos e para pesquisas em torno da linguagem, esta pesquisa reafirma a necessidade do trabalho constante com a interpretação textual em sala de aula, tendo em foco a análise linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. [Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira]. 9. ed. São Paulo: Huciec, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil: história, teoria, análise. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.

KOCH, Ingedore. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.). Referenciação e Discurso. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-45.

_____. Argumentação e linguagem. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processo de referenciação na produção discursiva. DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 14, n. especial, p. 169-190, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Exercícios de compreensão ou cópia nos manuais de ensino de língua? Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 69, p. 64-82, jan./mar.1996.

Área: Letras, Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Interpretação e produção textual; Ensino de Língua Portuguesa; Referenciação; PIBID